



PALAVRAS E LENTES: MEMÓRIAS DO CÁRCERE EM “VIDAS DO CARANDIRU” E “O PRISIONEIRO DA GRADE DE FERRO”

Gabriela Siqueira Lage*, Márcio Seligmann-Silva

Resumo

A pesquisa tem por objetivo, através da análise comparativa de duas obras: *Vidas do Carandiru: histórias reais* (2002) de Humberto Rodrigues e *O prisioneiro da grade de ferro (auto retratos)* (2003), do diretor Paulo Sacramento, compreender as diferentes formas que a memória e a experiência são trabalhadas no cinema e na literatura. Considerando, portanto, que se tratam de duas obras que retratam a experiência traumática do cárcere, pretende-se observar as produções que surgem desse contexto, levando em conta as particularidades das técnicas literária e cinematográfica e também buscando destacar os aspectos autobiográficos e testemunhais dos trabalhos analisados e as singularidades que daí advém.

Palavras-chave:

Vidas do Carandiru; O prisioneiro da grade de ferro; testemunho.

Introdução

Localizado na cidade de São Paulo, o Carandiru, até sua destruição em 2002, era o maior complexo prisional da América Latina, abrigando mais de 7.000 presos. Em 1992, o presídio chamou a atenção internacionalmente após o massacre de 111 presos, segundo os números oficiais, por parte da polícia durante a contenção de uma rebelião.

Tendo este cenário como pano de fundo, a obra *Vidas do Carandiru: histórias reais* (2002) de Humberto Rodrigues propõe-se a narrar o cotidiano da prisão através da perspectiva do autor, que foi preso injustamente e passou um ano e meio no cárcere.

Durante esse período, Rodrigues dedicou-se a registrar em um diário sua experiência, além de produzir crônicas e entrevistar seus companheiros em busca de suas histórias, material que posteriormente transformaria em um livro.

Filmado nesse mesmo complexo, o documentário *O Prisioneiro da Grade de Ferro: auto retratos* (2003), numa colaboração entre profissionais do cinema e os próprios detentos, mostra o cotidiano da prisão e as dificuldades vividas pelos presos no cumprimento de sua pena, num ambiente de violência, sofrimento e onde a sobrevivência é extremamente dura.

Ao colocar ambas as obras lado a lado, observa-se o mesmo esforço no sentido de testemunhar a respeito do cárcere de forma individualizada e, ao mesmo tempo, coletiva. A forma como esse testemunho se manifesta, no entanto, trará traços tanto de seus autores, da classe social de que proveem e dos privilégios ou prejuízos que isso lhes acarreta, e também do meio através do qual essas histórias são registradas: a literatura, por um lado, e o documentário, por outro. É a respeito da maneira como estes meios dialogam com o ato de testemunho e rememoração que o trabalho irá discorrer.

Resultados e Discussão

Através da análise das obras, é possível notar primeiramente o alinhamento do relato de Rodrigues como parte de uma tendência literária brasileira que despontou por volta dos anos 2000 no que tange aos escritos que relatam a experiência do cárcere, que por sua vez se situa no plano mais geral do

que se pode chamar de “literatura do real” (SELIGMANN-SILVA, 2003). Pretendo compreender as implicações desse tipo de literatura.

A literatura de testemunho, principalmente na América Latina, carrega consigo não apenas a necessidade de testemunhar do sujeito, mas também um posicionamento político, que coloca esse sujeito narrador como representativo de uma classe social, que reivindica mudanças em relação à sua atual situação e vivência (SELIGMANN-SILVA, 2013).

Essa necessidade atrela a obra ao documentário de Sacramento, que, no entanto, opera em outro campo, do cinema, de forma que os instrumentos utilizados na construção desse testemunho e a maneira como ele se apresenta irão variar.

Enquanto Rodrigues segue a tendência da literatura de *testimonio* em colocar-se como narrador-representante que fala sobre a experiência do encarcerado, a obra de Sacramento em *O prisioneiro da grade de ferro* traz consigo as diversas problemáticas do documentário e da representação, ao propor uma pluralidade de olhares por meio das filmagens feitas pelos próprios presos (FELDMAN, 2016). Enquanto ainda detém o poder de montagem do filme, o diretor se permite a inclusão do olhar do outro, transformando o filme num diálogo entre visões distintas, sem no entanto deixar de fazer proposições políticas claras, como ocorre na obra de Rodrigues.

Conclusões

Conclui-se, portanto, que as obras, cada uma em seu meio, apresentam narrativas que se aproximam do trauma e da violência, numa tentativa de representar situações limite por meio da arte e do testemunho. Essas representações irão aproximar-se quanto ao seu teor político e de memória, e distanciar-se quanto à técnica utilizada, que permite olhares distintos e coloca questões distintas.

FELDMAN, Ilana. “Um filme de”: dinâmicas de inclusão do olhar do outro na cena documental. *DEVIRES-Cinema e Humanidades*, v. 9, n. 1, p. 50-65, 2016.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Violência, encarceramento, (in) justiça: Memórias de histórias reais das prisões paulistas. *Revista de Letras*, São Paulo, v. 43, n. 2, Memória e Literatura, p. 29-47, jul.-dez. 2003.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. História memória e literatura: o testemunho na era das catástrofes. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2013.